



## LITERATURA, SEXUALIDADE E PSICANÁLISE: A REPRESENTAÇÃO DA HOMOAFETIVIDADE NO CONTO BROKEBACK MOUNTAIN

José R. Lins Jr.<sup>1</sup>

**Resumo:** Busca-se investigar, através das análises dos processos de transitividade (Halliday e Matthiessen, 2004), de que maneira representações identitárias e sexuais são constituídas linguisticamente, e perceber que novas práticas discursivas podem oferecer possibilidades de transformação das práticas sociais para alcançarmos uma sociedade menos preconceituosa.

**Palavras-chave:** Identidades sexuais, processos de transitividade, representação social.

**Abstract:** The aim of this work is to investigate, through transitivity processes (Halliday and Matthiessen, 2004), in what way(s) sexual and identity representations are linguistically constructed, as well understand that discursive practices can provide new possibilities for changes in social practices to achieve a society where prejudice is not a problem.

**Key-words:** Sexual identities, transitivity processes, social representation.

### Introdução

Este artigo se propõe a apresentar uma análise crítica de representações sobre a questão da homoafetividade, no discurso literário de Annie Proulx. A finalidade é apontar práticas discursivas hegemônicas que subjuguem os gays a práticas sociais marginais, relegando essa parcela da sociedade a situações de opressão, injustiças e iniquidades sociais. Para tanto, busca-se examinar elementos léxico-gramaticais presentes na obra “*Brokeback Mountain*” (PROULX, 2005), publicada inicialmente no *The New Yorker*, em 2005, mas que teve conhecimento público com o lançamento do filme homônimo, dirigido por Ang Lee, no mesmo ano.

No fragmento selecionado para o estudo, que é a primeira relação sexual entre os dois jovens *cowboys*, foquei-me em apresentar como traços lexicais podem, de fato, representar fenômenos sociais, e como estes passam a ser vistos pelos seus praticantes e por toda a sociedade.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras/Língua Estrangeira-Inglês pela UFBA e em Filosofia pelo Instituto Diocesano do Crato, Mestre em Linguística Aplicada pela UECE. Professor de Literaturas de Língua Inglesa do Curso de Letras UECE, e coordenador do Grupo de Estudo ‘A representação do gênero social na Literatura, no Cinema e em outras mídias’. Professor dos cursos de pós-graduação da Universidade Regional do Cariri, da Faculdade 7 de Setembro e da Faculdade Leão Sampaio. E-mail: linsjr2000@hotmail.com.

O estudo encontra-se organizado em quatro partes. Na primeira, discuto brevemente sobre a questão das relações homossexuais a partir das ideias de William Naphy (2006), a partir de uma obra que trata dos registros dessas relações de tempos remotos até a contemporaneidade. Em seguida, limito-me a apresentar sinteticamente, alguns pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), focando na escolha pelos processos de transitividade propostos por Halliday e Matthiessen (1994, 2004). Na terceira parte, apresento os dados quantitativos desta pesquisa e faço algumas considerações analíticas sobre o texto selecionado. E, finalmente, na última parte, posiciono-me em relação aos resultados alcançados, a partir das reflexões de uma pragmática contra-hegemônica.

### **1. Homossexualidade *versus* Homoafetividade: um breve percurso histórico**

William Naphy (2006), famoso historiador da Universidade de Aberdeen, a partir dos registros de relações homossexuais datadas de tempos mais remotos, analisa a maneira com a qual essa prática social vem sendo construída ao longo da história. Como ponto de partida, ele propõe que entendamos o modo pelo qual as religiões monoteístas e politeístas vêm as relações entre pessoas do mesmo sexo. Enquanto essas últimas apresentam divindades que se envolvem em relações com pessoas do mesmo sexo, as primeiras vêm nos seus deuses, entidades únicas e auto-suficientes, que não necessitam de outros seres para se completar ou satisfazer. Isso que dizer que, na teologia politeísta, os modelos de deuses e deusas para a adoração apresentavam imagens ambivalentes, sendo a bissexualidade, atrevo-me a dizer, quase uma moral. Naphy chama nossa atenção para uma visão de sexo genital como algo indiferenciado, ou seja, ser do sexo masculino ou feminino era de pouca ou nenhuma importância para os deuses, e a escolha sexual era uma questão de afinidades. Entretanto, corroborando com o que afirma Butler (1990), se por um lado, a questão biológica não exercia muita importância nessas relações, por outro, a questão social era extremamente significativa, pois a distinção dos papéis “ativo” e “passivo” eram bastante nítidas. Cabia aos mais experientes, o papel daquele que penetra, constituindo-se, a princípio, uma representação de poder nas próprias práticas homoafetivas.

Sem querer aprofundar na obra, finalizo com a análise que Naphy propõe sobre a constituição desses papéis de ativo e passivo, em diversas culturas politeístas, onde essas representações podem ser percebidas – e aceitas – em indivíduos, através de características físicas ou comportamentais, sem contudo afetar as suas constituições biológicas. Com o advento das religiões monoteístas, o historiador friza que a questão central nas relações homossexuais não está no sexo em si, mas na questão da procriação. E aí, inicia-se um processo de (novas) representações sociais que tornariam, mais tarde, essa prática condenada (em certos casos, punida até com a morte): assistimos a uma mudança do exercício da pederastia à uma prática criminosa de sodomia, através de construções ideológicas que favoreciam a uma hegemonia regida por imposições de ordem religiosa.

Para Foucault (1999), a burguesia vitoriana confinou a sexualidade “dentro de casa”, fazendo com que a vida conjugal fosse priorizada e a função reprodutiva do sexo uma meta a ser atingida. É neste cenário que os casais tornam-se o padrão dominante. Assim, normas são reforçadas e tudo se resume a um silêncio que se constitui em prática social – reafirmando o subjugado. As sexualidades “ilegítimas” ficaram restritas à instituições psiquiátricas e bordéis, definindo o sexo conjugal como valor dominante e quaisquer outra variação da sexualidade como desvio.

Os personagens gays na literatura e no cinema (tanto internacional quanto nacional) são muitos e datam desde muito tempo, mas nenhum causou tanta polêmica quanto Ennis Del Mar e Jack Twist. Além disso, os temas sempre foram muito mais ligados à outras questões (como doenças, promiscuidade e descobertas) do que à própria experiência da sexualidade. Como exemplos, temos Philadelphia (DEMME, 1993) e O terceiro travesseiro (CARVALHO, 2007).

## **2. A GSF e os tipos de processos: Entendendo a Transitividade**

Para compreendermos a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1994, 2004), algumas considerações sobre o funcionalismo precisam ser feitas, mesmo sabendo que caracterizar esta corrente linguística seja uma tarefa bastante difícil (NEVES, 1997), pois tantas são suas definições quantos são os chamados funcionalistas.

De acordo com Garvin e Mathiot (*apud* NEVES, 1997), o termo “função”, no que diz respeito à linguagem, pode fazer menção tanto à intenção do comunicador, quanto ao papel, ou efeito do uso de sua comunicação. Da mesma forma, Neves concorda com Karl Bühler em relação a três funções hierarquizadas da linguagem: a representação, a exteriorização psíquica e o apelo. Funções essas que co-habitam o processo da comunicação como um todo, fazendo com que atos de fala sejam ao mesmo tempo locuções, ilocuções e perlocuções (Austin, 1999).

Percebendo que correntes linguísticas distintas podem levar a caminhos ainda não traçados, atestamos a natureza fluida da linguagem, que não se permite explicar através dela própria – o que já caracterizaria, *per se*, uma tentativa frustrada de domar aquilo que não pode ser domado, mas apenas percebido e experienciado. É neste sentido que pensamos em perceber os atos de fala que constituem Ennis e Jack como homoafetivos que se encontram e vivem a sua sexualidade com todas as nuances de agentes que estão inseridos num contexto cultural que, também, regula suas ações.

Quando pensamos em estudar a linguagem numa perspectiva contra-hegemônica, devemos fazê-lo de maneira crítica, com a certeza inicial de que esta não apenas representa coisas, mas também as constitui. Assim sendo, utilizamo-nos da gramática sistêmico-funcional, doravante GSF, como um recurso para perceber esse processo de materialização das ações e dos fenômenos – afinal, dizer é fazer (AUSTIN, 1999) – e para tanto me concentrei na metafunção ideacional de Halliday (*apud* EGGINS, 1994), através da transisitividade.

O pensamento sistêmico-funcional entende que a linguagem não é formada apenas pelos sistemas gramaticais, mas também pelos sistemas de contexto social, formando uma grande rede, onde possibilidades se configuram na composição dos discursos. A estrutura final de um texto deriva de uma seleção de termos escolhidos a partir de nossas intenções comunicativas (e de maneira não-arbitrária), a fim de que nossos discursos ajam sobre o mundo que nos cerca. E como ninguém usa a língua despropositadamente, Halliday e Matthiessen (2004) dizem que um texto acontece em dois contextos: o de cultura (onde as palavras produzem significado, e que abrange o próximo

contexto) e o de situação (onde os diferentes registros podem ser adequados às diferentes situações).

Como dissemos, neste estudo, focarei na transitividade, pois através das escolhas realizadas, materializadas em elementos da oração, podemos perceber como a linguagem codifica a experiência do mundo. Antes porém, deixo claro neste trabalho, que defendo a ideia de que quem cria – e recria – a língua são os agentes que a utilizam nos mais diversos contextos, e não um grupo de “estudiosos” que procuram definir conceitos absolutos e precisos, que devem ser seguidos indistintamente, sem perceber que um estudo mais adequado da língua exige a quebra de barreiras que a empurrem a um campo fechado em si própria. O que apresento neste estudo são sistemas que disponibilizam escolhas a serem tomadas, e não regras incondicionais de uso(s) da língua/linguagem.

Uma oração<sup>2</sup>, enquanto ação capaz de produzir significado (ideacional ou cognitivo) é composta, basicamente, de três elementos: os **participantes** são os agentes que desencadeiam ações (**processos**), geralmente relacionadas a determinadas **circunstâncias**. Para cada tipo de processo, denominamos participantes específicos, a saber:

PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES FACULTATIVOS
MATERIAL	<b>fazer/acontecer</b>	ator	Meta, extensão e beneficiário
MENTAL	<b>sentir</b>	experienciador e fenômenos	-
RELACIONAL: 1. Atributivo 2. Identificativo	<b>SER/ESTAR</b>  Classificar  Definir	portador e atributo  característica e valor	-
VERBAL	<b>dizer</b>	dizente e verbiagem	receptor
EXISTENCIAL	<b>existir</b>	existente	-
COMPORTAMENTAL	<b>comportar-se</b>	comportante	fenômeno

A transitividade na GSF é entendida como a categoria de análise das representações da experiência humana. Linguagem, contexto e texto atuam

<sup>2</sup> Vista aqui como unidade textual mínima para análise.

juntos na produção de códigos lingüísticos, e o texto é visto enquanto representação seja do mundo exterior ou do nosso mundo interior.

Nos **processos materiais** (o “fazer”), a “forma prototípica das experiências exteriores” (MOREIRA, 2009) pode ser caracterizada como aqueles acontecimentos ou ações que ocorrem ao nosso redor. É quando entidades fazem algo a alguém ou quando fazem acontecer algo.

Já o que acontece dentro de nós pode ser descrito como um reflexo do exterior, uma representação dos acontecimentos exógenos que só quem tem acesso conscientemente é o portador das impressões (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). Nossos gestos, interesses, ideologias e crenças se enquadram nesse tipo de representação da ação, que diz respeito ao aspecto ideacional do uso da linguagem. Tratam-se dos **processos mentais** (o “sentir”).

Os **processos relacionais** (o plano do “ser”) são, para Martin, Matthiessen e Painter (*apud* SOUZA, 2006) “uma generalização para a noção de cópula” e “servem para definir, caracterizar e identificar, atribuindo qualidades, posse ou circunstâncias, e assim construir as experiências do mundo e as experiências de nossa consciência”.

Os outros três processos encontram-se em linhas limítrofes. Os **processos verbais** (o “dizer”) estão entre no limite entre os processos mentais e relacionais, expressando relações simbólicas construídas na consciência humana e efetivadas na forma de língua como: dizer e significar.

Os **processos existenciais** estão no limite entre os processos relacionais e materiais, responsáveis pela maneira como fenômenos de todos os tipos são reconhecidos como ‘ser’ – existir, ou acontecer.

Por fim, os **processos comportamentais** estão no limite entre os processos materiais e os mentais. São aqueles que representam manifestações exteriores de atividades internas, ou seja, a externalização de processos da consciência e dos estados fisiológicos.

A escolha pelos tipos de processos revela a forma como os personagens vêem-se enquanto homoafetivos e como as relações de poder entre “ativo” e “passivo” se configuram nessa relação. Fica claro, ainda, a maneira como a linguagem se estrutura e é estruturada para reproduzir modelos

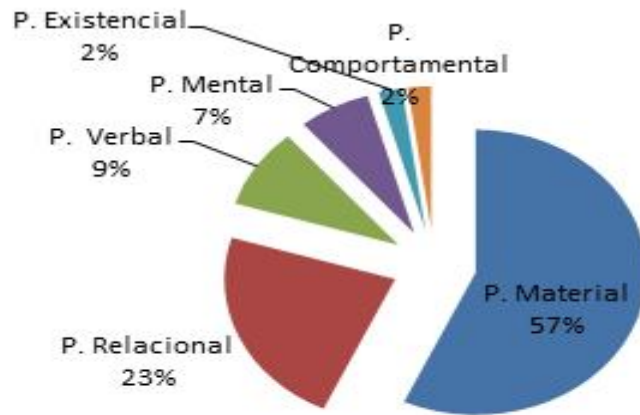
institucionalizados e, da mesma forma, as brechas na qual mudanças sociais podem ser desencadeadas.

### 3. Ennis, Jack e uma relação (diferente?) entre iguais

A seguir, o trecho analisado, com a devida categorização. Notem-se algumas inserções em itálico e entre parênteses, que foram reconstruções das orações para orientar a análise.

1/1||Ennis ran full-throttle on all roads whether fence mending or money spending, 1/2||and he wanted none of it 1/3||when Jack seized his left hand 1/4||and brought it to his erect cock. 2/5||Ennis jerked his hand away 2/6||as though he'd touched fire, 2/7||got to his knees, 2/8||unbuckled his belt, 2/9||shoved his pants down, 2/10||hauled Jack onto all fours 2/11||and, with the help of the clear slick and a little spit, entered him, 2/12||(*it is*) nothing 2/12/1||[he'd done before]] 2/13||but no instruction manual (*was*) needed. 3/14||They went at it in silence except for a few sharp intakes of breath and Jack's chocked "gun's goin off," 3/15||then (*they were*) out, 3/16||(*they lied*) down, 3/17||and (*fell*) asleep.||  
4/18||Ennis woke in red dawn with his pants around his knees, a top-grade headache, 4/19||and Jack (*was*) butted against him; 4/20||without saying anything about it 4/21||both knew 4/22||how it would go for the rest of the summer, 4/23||sheep be damned.||  
5/24||As it did go. 6/25||They never talked about the sex, 6/26||let it happen, 6/27||at first (*it happened*) only in the tent at night, 6/28||then (*it happened*) in the full daylight 6/29||with the hot sun striking down, 6/30||and (*it happened*) at evening in the fire glow, 6/31||(*it was*) quick, 6/32||(*it was*) rough, 6/33||(*they were*) laughing 6/34||and (*they were*) snorting, 6/35|| (*there was*) no lack of noises, 6/36||but saying not a goddamn word 6/37||except once Ennis said, 6/38||"I'm not no queer," 6/39||and Jack jumped in with 6/39/1||["Me neither (*am*).]] 7/40 ||(*it is*) A one-shot thing. 8/41||(*it is*) Nobody's business 8/42 ||but (*it is*) ours."|| (PROULX, 2005, p. 7).

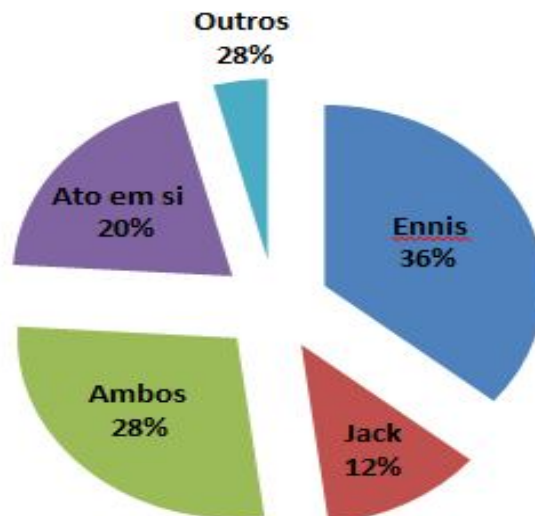
No gráfico 1, apresento uma visão quantitativa dos tipos de processo encontrados no corpus, identificando a taxa de ocorrência nos três parágrafos que expressam a primeira – e mais explícita – relação sexual entre Ennis e Jack. Desde esta primeira observação, alguns critérios já podem ser constatados. Inicialmente, a alta frequência de processos materiais e relacionais, ou seja, a materialização de ações e a maneira como os fenômenos são constituídos enquanto “verdades”. Vale a pena ressaltar que, em todas as falas dos personagens, encontramos contradições entre o que é dito e o que é feito – e, na grande maioria das vezes essas contradições estão relacionadas à maneira como esses indivíduos se vêem a si mesmos.



**Gráfico 1: Distribuição dos Tipos de Processos**

A iniciativa do ato em si parte de Jack, mas Ennis rejeita o toque, tomando a iniciativa (Cf. 1/3 a 2/6, no fragmento categorizado). A rejeição deste último, que caracteriza o único processo comportamental do fragmento, faz com que Ennis retome a ação iniciada, agora na posição de quem comanda. Como vimos, os processos comportamentais estão no limite entre os materiais e os mentais, expressando não apenas reações fisiológicas, como também psicológicas, que foi o caso do afastamento da mão por parte de Ennis e a colocação na posição do “ativo dominante”. Trata-se de uma demonstração de crenças e valores, como podemos notar no início do texto “...he [Ennis] wanted none of it.”

No gráfico 2, apresento os índices de frequência dos processos materiais identificados no fragmento e seus atores.



**Gráfico 2: Produção de P. Materiais**



Na grande maioria das ocorrências, Ennis se coloca no papel de ator, ou seja, aquele que faz algo acontecer, o que nos faz entender a posição do mais ativo socialmente, que vai coincidir com o papel do ativo no ato sexual, ou seja, aquele de quem parte o ato da penetração (Cf. 2/7 a 2/11, no fragmento categorizado).

Quanto aos processos materiais realizados por Jack, este representa um terço dos produzidos por Ennis, o que o coloca numa situação de “fazer” menos coisas, colocando-se numa posição mais “passiva” enquanto agente social e enquanto parceiro sexual. Volto a atenção para o fato já mencionado, de que, mesmo quando tomou a iniciativa de segurar a mão de Ennis (Cf. 1/3 e 1/4), esta ação foi interrompida pela meta, no caso Ennis.

Outros 28% dos processos materiais são destinados ao artigo *they*, referindo-se aos *cowboys* no que diz respeito ao compromisso com a relação que perdurou 20 anos.

Em relação aos processos relacionais identificados, e que contituem 22,8% dos processos no fragmento categorizado, todos são do tipo atributivo, e deixando uma contradição entre o que eles dizem e o que eles se permitem viver, como por exemplo, a negação de suas homossexualidades (Cf. 6/38 e 6/39/1) e a repetição das relações que iriam perdurar os 20 anos de amizade (Cf. 8/41 e 8/42), reforçada com os processos materiais que têm o ato sexual em si como ator, identificados no primeiro gráfico (Cf. 5/24 a 6/30).

#### **4. Considerações Finais**

O professor Dr. Kanavillil Rajagopalan (*apud* FERREIRA, 2009) diz que “a questão de gênero, diferentemente da do sexo, é, com certeza, uma questão da forma como cada um de nós se identifica”. Se isto é verdade, muitas vezes, os movimentos feministas e as lutas por direitos das minorias sexuais perdem a dimensão política das lutas por representações identitárias e caem no discurso vazio das massas difusas.

Ao falarmos das relações homoafetivas, não esqueçamos de que, embora iguais no sexo, a herança metafísica da dicotomia masculino/feminino estará sempre nos envolvendo. E, como nos ensina o filósofo francês Jean-Jacques Derrida (*apud* RAJAGOPALAN, in FERREIRA, 2009):

“tudo o que podemos fazer é mobilizar a própria força da linguagem, que está aí, a fim de fazer com que ela se volte contra si, desnudando, no processo, os construtos que se

fizeram passar por partes de uma realidade anterior a qualquer esforço humano de interpretação.”

No caso estudado, demonstrei como uma relação homoafetiva entre dois *cowboys* do oeste americano se configura na repetição de um modelo heteronormatizado onde os papéis sociais do masculino (provedor) e do feminino (receptor) não interfere na identidade gay de dois homens.

Será o caso, então, de continuarmos nominalizando e fortalecendo, através da linguagem, tais dicotomias, ou como diria Derrida, implodi-las? Quero dizer, se a questão da identidade é uma questão política, não basta reconhecer as forças hegemônicas que imperam numa determinada cultura, mas identificar as resistências que se posicionam contra essas forças e perceber os espaços conquistados nessas empreitadas.

Nesse sentido, perceber-se enquanto agente que também sente e deseja, nos faz conscientes que muito além das nossas constituições biológicas, e além das taxonomias linguísticas, amar pode deixar de ser um processo mental e tornar-se uma ação, como ilustrado no exemplo de Ennis e Jack.

## Referências

AUSTIN, John L. **How to do things with words**. 16. ed. Oxford: oxford University Press, 1999.

**Brokeback Mountain**. Direção: Ang Lee. Produção e Roteiro: Larry McMurtry; Diana Ossana. Hong Kong/Los Angeles: Focus Films/River Road Entertainment, 2005. 134min. Cor.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**. Feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

CARVALHO, Nelson Luis de. **O terceiro travesseiro**. São Paulo: Edições GLS, 2007.

EGGINS, Susan. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Pinter, 1994.

FERREIRA, Dina M. Martins. **Discurso feminine e identidade social**. 2. ed. São Paulo: Annablume Editora, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. Vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras psicológicas completas**. Edição standard brasileira. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-265.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.

MOREIRA, Kelly Cristina de Almeida. **Análise discursiva sobre a proteção à juventude em risco**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 10 (2). Brasília, 2009.

NAPHY, William. **Born to be gay**. História da homossexualidade. Coimbra: Edições 70, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

**Philadelphia**. Direção: Jonathan Demme. Produção: Jonathan Demme; Edward Saxon. Los Angeles: TriStar Pictures, 1993. 125min. Cor.

PROULX, Annie. BROKEBACK MOUNTAIN. In: PROULX, A., McMURTRY, L., OSSANA, D. **Brokeback mountain: story to screenplay**. New York: Scribner, 2005.

SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Recife: UFPE, 2006. 418 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.